



Nildo Viana:
Crítica do Capitalismo e Projeto Autogestionário

Maria Angélica Peixoto

A obra de Nildo Viana tem como elemento fundamental e fio condutor o projeto autogestionário. Para entender essa afirmativa, é preciso reconstituir sua produção teórica destacando alguns elementos preliminares, presentes em sua crítica do capitalismo. Essa crítica do capitalismo pode ser dividida em: crítica do capital, crítica da burocracia, crítica da política, crítica das ideologias. A crítica, no entanto, é percebida por ele da mesma forma que em Marx, ou seja, a crítica não vem para as pessoas superarem as ilusões, as “flores imaginárias” que enfeitam suas prisões e reproduzir o que existe, e sim para que em seu lugar “brotem flores vivas”, ou seja, o projeto autogestionário.

A crítica do capital realizada por Viana é uma retomada da crítica de Marx ao processo de exploração capitalista. Viana compreende o capitalismo como um modo de produção fundado na exploração do proletariado pela burguesia via extração de mais-valor. O capitalismo é caracterizado, enquanto modo de produção, pela produção de mais-valor (Viana, 2008a). A produção de mais-valor, por sua vez, gera as duas classes sociais fundamentais do capitalismo, a burguesia, a classe apropriadora do mais-valor e o proletariado, a classe produtora de mais-valor (Viana, 2011a; Viana, 2011b). A crítica do capital vem justamente para desfeticizar essa relação social. Viana retoma Marx ao afirmar que o capital é uma relação social, e esta é fundada na produção de mais-valor, na exploração do proletariado.

O proletariado é explorado por produzir não somente o que recebe sob a forma de salário e o montante que cobre os custos da produção, mas também um excedente, apropriado pela classe capitalista. Para tanto, a burguesia precisa controlar o processo de



trabalho e garantir o processo de valorização, buscando, sempre que pode, aumentar a exploração dos trabalhadores. Por isso o trabalho é alienado. Viana usa o conceito de trabalho alienado a partir de uma leitura singular da obra de Marx (1983), os *Manuscritos econômico-filosóficos*. Ele define alienação da seguinte forma: “a alienação é uma relação social caracterizada pela direção que o não-trabalhador possui sobre o trabalho do trabalhador” (Viana, 1995). Desta forma, o proletário é não somente explorado, mas também é submetido ao processo de dominação no processo de trabalho, o seu trabalho não é objetivação, manifestação de suas energias físicas e mentais que permitiria a realização de suas potencialidades e sim negação delas.

Porém, essa “relação-capital” (Viana, 2008a) possui conseqüências. Uma delas é a luta de classes na produção (Viana, 2003a), pois os trabalhadores, mesmo sem ter consciência da exploração, trava uma luta contra o capital devido ao caráter alienado do seu trabalho. Assim, desde a resistência individual até as formas coletivas de contestação, é perceptível a luta proletária no processo de produção. Como a taxa de exploração está intimamente ligada ao processo de valorização e ao tempo de trabalho incorporado na mercadoria, cada vez mais o capital se torna despótico e controlador, visando extrair um maior quantum de mais-valor, seja o mais-valor absoluto, principalmente através do aumento da jornada de trabalho, seja o mais-valor relativo, a busca do aumento de produtividade. Historicamente, o taylorismo, fordismo e toyotismo são as formas através das quais o capital buscou aumentar a taxa de exploração.

Outra conseqüência importante é a própria dinâmica da produção capitalista. O capital realiza o processo de exploração e adquire o excedente e nesse processo acaba reinvestindo na produção, aumentando ainda mais a produção de mercadorias, o que, por sua vez, gera aumento de capital que novamente é reinvestido e assim sucessivamente, caracterizando o que Marx denominou reprodução ampliada do capital, que gera a centralização e concentração do mesmo (Viana, 2003a; Viana, 2009a). Isso gera várias conseqüências, entre elas, cabe destacar a tendência declinante da taxa de



lucro, que terá papel importante nas reflexões de Viana sobre o capitalismo. A tendência declinante da taxa de lucro aponta para uma mutação na composição orgânica do capital, onde cada vez mais se usa trabalho morto (meios de produção) e cada vez menos trabalho vivo (força de trabalho), que é o que gera mais-valor. Sendo assim, a taxa de lucro tende a cair e isso promove as contratendências que o capital busca efetivar para não permitir a continuação desse processo, via aumento da exploração, ação estatal, entre outras.

Até aqui Viana se limita a reproduzir o pensamento de Karl Marx. Porém, sua crítica do capital acaba gerando um elemento que não se encontrava em Marx, que é o conceito de regime de acumulação. Para ele, um regime de acumulação é uma forma estabilizada de luta de classes que se caracteriza por uma determinada organização do processo de trabalho e valorização, uma determinada forma de Estado e uma determinada forma de relações internacionais (Viana, 2009a). Para Viana, assim como a história da humanidade é marcada por uma sucessão de modos de produção, tal como Marx já havia demonstrado, o capitalismo é marcado pela sucessão de regimes de acumulação. Isso traz a novidade de não apenas reproduzir o pensamento de Marx sobre o capitalismo e perceber este em sua historicidade. Tal historicidade, não trabalhada por Marx a não ser no período de gênese e consolidação do capitalismo, devido à época em que viveu, aponta para se pensar que o capitalismo mantém sua essência – a produção de mais-valor – mas altera suas formas. Os sucessivos regimes de acumulação mostram uma dificuldade crescente no processo de reprodução do capitalismo, devido à tendência declinante da taxa de lucro e lutas proletárias em contraposição à necessidade do capital de aumentar a exploração.

O regime de acumulação integral se constituiu a partir da crise do regime de acumulação intensivo-extensivo que teve no maio de 1968 sua expressão mais cristalina. Ele se caracteriza pela reformulação dos três elementos básicos que definem um regime de acumulação: o Estado neoliberal substitui o Estado integracionista (do



“bem estar social”), o toyotismo substitui o fordismo no processo de valorização e o imperialismo oligopolista transnacional é substituído pelo neo-imperialismo. Esses elementos são complementares e possuem como objetivo aumentar a exploração em geral, aumentando a extração de mais-valor absoluto e do mais-valor relativo (Viana, 2009a).

A emergência do pós-vanguardismo (na arte) e pós-estruturalismo (na produção intelectual científica e filosófica), também chamado de pós-modernismo, retrata uma contra-revolução cultural preventiva e, ao lado de outras ideologias, como a da globalização, exclusão social, criam uma “camada obscurante” sobre a realidade (Viana, 2009a).

Viana dedica o livro *O Capitalismo na era da acumulação integral* para expor a teoria dos regimes de acumulação e analisar mais detidamente o regime de acumulação integral. Ele desenvolveu alguns aspectos sobre esse regime de acumulação, tal como a dificuldade de perceber a atual realidade histórica (Viana, 2011c), a história do neoliberalismo (Viana, 2011c), entre outros. Cabe destaque à sua ênfase na historicidade do capitalismo (através da sucessão de regimes de acumulação com cada vez mais dificuldade de se reproduzir) e na historicidade dos regimes de acumulação, que apesar de manifestarem lutas de classes relativamente estabilizadas, não são estáticas. A não-percepção desta historicidade também é analisada por Viana, sob a denominação de “os efeitos do contemporâneo”:

Este processo cria “os efeitos do contemporâneo”, isto é, a pressão de ideologias e concepções que se tornam hegemônicas e dominantes nesta época, tais como a ideologia da globalização e o pós-estruturalismo. Assim, o indivíduo fica preso na contemporaneidade, as crianças que nascem ou os mais jovens que se envolvem com o mundo escolar passam a estar submetidos a este mundo cultural e asfixiante. Assim como o indivíduo na sociedade moderna não percebe a historicidade das relações sociais sob as quais vive, julgando-as normais, naturais, universais e eternas, o indivíduo no capitalismo contemporâneo julga que esta é a última etapa do desenvolvimento capitalista, que de agora em diante apenas evoluções e progressos ocorrerão. A linguagem e as idéias passam a ser contemporâneas. As relações sociais parecem confirmar as ideologias e representações



ilusórias criadas nesta época e assim há um reforço mútuo entre relações sociais vistas em sua aparência e ideologias e representações ilusórias. A sociabilidade dominante sofre alterações formais e esta se reproduz em seu universo mental, que é exigida e confirmada por essa mesma sociabilidade. Uma nova *dominância cultural* surge (o do politicamente correto, o relativismo, culturalismo, entre outras tendências) e novas ideologias o sistematizam, transformando-os em ciência, filosofia, teologia, que acabam, invadindo as representações cotidianas. O principal efeito do contemporâneo é aprisionar o indivíduo em uma época e cegá-lo para sua historicidade e para a fragilidade de ideologias e representações ilusórias que se transformam em uma cultura asfixiante (Viana, 2011c).

Estes são alguns dos elementos fundamentais da crítica do capital de Viana. Porém, sua análise não se limita a uma crítica do capital. A sua crítica se centra no modo de produção, elemento óbvio numa análise marxista e fundada no materialismo histórico. No entanto, para Viana, o modo de produção é uma parte da sociedade e não sua totalidade e o método dialético tem como aspecto fundamental pensar em termos de totalidade (Viana, 2007b; Viana, 2007c; Viana, 2001a). Assim, a partir do capitalismo se erige as formas de regularização das relações sociais (termo que o autor usa em lugar de “superestrutura”), tal como o Estado, as instituições estatais e da sociedade civil, as ideologias e cultura em geral, entre outras. Nesse sentido, ele também faz uma crítica das formas capitalistas de regularização das relações sociais.

Antes de passar para essa crítica, é importante apresentar a sua crítica da burocracia. A partir da análise do processo histórico de derrota da revolução proletária na Rússia, bem como em outras experiências históricas, Viana busca identificar as suas determinações. A luta de classes na Rússia possuía algumas especificidades, entre as quais, a existência de uma classe operária pequena em termos de proporção da população total, mas reunida em alguns centros industriais. A burguesia russa era muito débil para buscar efetivar uma revolução burguesa e o regime czarista. É nesse contexto que surge o bolchevismo. Lênin cria a ideologia bolchevique da vanguarda. Em sua obra “*Que Fazer*” (Lênin, 1978), ele coloca que o proletariado não é capaz de ultrapassar uma consciência sindicalista por si mesmo e por isso é preciso que o partido político assuma sua direção e seja sua vanguarda, dirigindo-o no processo



revolucionário e conquistando o poder estatal. Isso se efetivou na Rússia com o golpe de Estado de outubro (Viana, 2007a). Nesse momento, Viana se inspira em Makhaïski (e outros) para entender a revolução bolchevique como um golpe de Estado realizado pelo bolchevismo e caracterizar esse como sendo expressão política e ideológica da burocracia como classe social.

Apesar de Makhaïski (1981) pensar em termos de *intelligentsia*, Viana desenvolve a tese da classe burocrática. A burocracia é uma classe social auxiliar da burguesia (Viana, 2007b; Viana, 2011a; Viana, 2011b), que executa o papel de controlar o Estado, as instituições, escolas, etc., no sentido de reproduzir as relações de produção capitalistas. A burocracia é uma classe que vive na dependência de organizações e instituições nas quais ela exerce o papel de dirigente. Por conseguinte, a burocracia é definida em termos de relações sociais, ela existe quando existe distinção entre dirigentes e dirigidos. A burocracia, no entanto, busca se autonomizar e defender seus próprios interesses e sua ala radicalizada busca conquistar o poder estatal e tentar realizar sua dominação de classe, substituindo a burguesia como classe dominante. Contudo, o que ela conseguiu, no caso da Rússia, foi implantar um capitalismo de estado e se metamorfosear como burguesia de Estado, sendo que este comanda o processo de produção de mais-valor e acumulação de capital explorando o proletariado e distribuindo o mais-valor para a classe burocrática (Viana, 1993; Viana, 2007b; Viana, 2008b).

A partir dos estudos de Robert Michels (1981), Georges Lapassade (1977), Maurício Tragtenberg (1989) entre outros autores, Viana busca compreender o processo de burocratização da sociedade moderna e ampliação da classe burocrática (Viana, 2008c). A expansão capitalista promove um processo de crescente burocratização das relações sociais, processo que acompanha a mercantilização das relações sociais. Quanto mais o capitalismo se desenvolve, mais há uma ampliação da divisão social do trabalho, da mercantilização e da burocratização. A burocracia como classe se aquartela



no Estado, nos partidos políticos, inclusive os de esquerda, nos sindicatos, igrejas, escolas, bem como nas empresas capitalistas. A formação e expansão de partidos e sindicatos desenvolveram novas frações da burocracia, a burocracia partidária e a burocracia sindical. A burocracia partidária, já analisada por Michels e outros, é a fonte da burocracia mais radicalizada que busca tomar o poder estatal e se tornar nova classe dominante. Por isso, a esquerda partidária é, no fundo, contrarrevolucionária e expressa os interesses da classe burocrática e não do proletariado. A ordem burocrática é a da heterogestão, da alienação, do poder, e, portanto, é um produto do capitalismo para servir para sua reprodução que, graças a determinadas frações da burocracia, pode querer se tornar classe dominante. Portanto, o proletariado deve se livrar das burocracias (sindicais, partidárias, estatais) e buscar corroer a força da burocracia através da autonomia, da auto-organização e da autoformação, como caminhos para a autogestão social, ou seja, a superação do capitalismo e da burocracia.

Essa crítica da burocracia é fundamental para entender o pensamento político de Nildo Viana, pois ela revela o antagonismo irreconciliável entre heterogestão e autogestão, e a crítica da burocracia como parte da luta cultural para reforçar a tendência de concretização do projeto autogestionário. A recusa de partidos e sindicatos e a explicação de processos contrarrevolucionários é uma das contribuições de sua crítica da burocracia. Um elemento importante é o reconhecimento de que a burocracia como classe é contrarrevolucionária e por isso o Estado capitalista e o conjunto das instituições burocráticas devem ser destruídos, inclusive partidos e sindicatos. O perigo da contra-revolução também se encontra em processos de burocratização durante as revoluções proletárias e por isso é preciso superar as ideologias burocráticas, o burocratismo e as instituições burocráticas, não permitindo a formação de novas organizações burocráticas.

Outro aspecto do pensamento de Viana, intimamente ligado ao problema da burocracia, é a crítica da política. Nessa parte, Viana retoma Marx para analisar o



Estado capitalista como agente da dominação burguesa. O Estado é uma relação de dominação de classe mediada pela burocracia (Viana, 2003a). O Estado é a principal forma capitalista de regularização das relações sociais. O objetivo do Estado é reproduzir as relações de produção capitalistas e o conjunto das relações sociais dessa sociedade e faz isto sob as mais variadas formas (Viana, 2003a), através da repressão, da intervenção nas relações de produção, através de suas políticas de assistência social e cooptação de indivíduos e movimentos sociais, da produção ideológica e dos valores dominantes. O Estado burguês pode assumir a forma democrática ou ditatorial, que são duas formas assumidas pela dominação burguesa.

É por isso que Viana realiza uma crítica radical à democracia representativa-burguesa. O processo eleitoral é uma mistificação e a democracia, com o desenvolvimento capitalista, cada vez mais se torna burocratizada e organizada de tal forma que é impossível transformações a partir dela. Ela é responsável pela criação dos políticos profissionais, tal como já anunciava Max Weber (1990), e estes criam seus próprios interesses, vinculados aos interesses da classe dominante. A democracia burguesa legitima a sociedade capitalista e reforça o conformismo com as ilusões eleitorais (Viana, 2003a; Viana, 2003b; Viana, 2010a; Viana, 2010b; Viana, 1991a; Viana, 2008d). Ela possui um caráter despolitizador (Viana, 1991a) e realiza isso através da ideologia da representação, na qual os eleitores escolhem seus representantes que, no fundo, não os representam (Viana, 2003b). A crítica da política de Viana possui diversos outros elementos. Porém, este não é o objetivo do presente trabalho e nem há espaço para aprofundamentos. O que se deve lembrar é que sua crítica da política atinge os processos políticos institucionais, tais como o Estado capitalista, a democracia burguesa, o sistema eleitoral e partidário, o parlamento, e todos os demais existentes. Daí a necessidade de abolição do Estado, da democracia e todo o resto da política institucional do capitalismo.



A crítica das ideologias é outro elemento que merece destaque no pensamento de Nildo Viana. Retomando Karl Korsch, as ideias fazem parte da totalidade e por isso devem ser abordadas. Para ele as ideologias não são meros epifenômenos e sim algo existente e que possui um papel mobilizador (gerando ações, técnicas, tecnologias). Um dos maiores obstáculos para o movimento operário superar o capitalismo é a cultura dominante (ideologias, representações cotidianas ilusórias, valores dominantes). A crítica da ideologia faz parte do amplo processo de luta cultural que deve ser efetivado para fortalecer a luta pela transformação social (Viana, 2006a). A ideologia é um dos aspectos da cultura dominante, mas é o foco de Viana. Nesse contexto, ele faz crítica das mais variadas ideologias.

Viana retoma a definição que Marx forneceu para ideologia (Marx e Engels, 2002), como falsa consciência. O surgimento da ideologia ocorre com a emergência das sociedades de classes, a partir da divisão entre trabalho intelectual e manual (Marx e Engels, 2002; Viana, 2011a; Viana, 2010c). Os especialistas no trabalho intelectual, os ideólogos, sistematizam sob a forma de ciência, filosofia, teologia e invertem a realidade, produzindo concepções falsas sobre as relações sociais e sobre a natureza. A ideologia é produzida por uma classe social específica, a intelectualidade, outra classe auxiliar da burguesia (Viana, 2006b). As ideologias não só expressam uma consciência falsa da realidade como justificam e legitimam a realidade existente. Daí ser fundamental não apenas um processo de pesquisa visando analisar a realidade e produzir uma consciência correta sobre ela, como também criticar e denunciar as ideologias existentes. A forma dominante de ideologia na sociedade capitalista é a ciência e esta deve ser criticada e superada. A ciência é uma forma de ideologia e principal legitimadora do capitalismo. A produção científica é, com raras exceções, uma produção ideológica. Porém, a ciência não é apenas ilusão, pois, se assim fosse, ninguém acreditaria nela. Por isso toda ideologia possui “momentos de verdade” e algumas possuem mais momentos de verdade que outras. A crítica da ciência se



desdobra em várias críticas metodológicas e em relação a ideologias específicas. A crítica do empiricismo é uma das mais constantes (Viana, 2010d) e da especialização e divisão do trabalho intelectual (Viana, 2002a; Viana, 2007), assim como a crítica dos métodos constituídos na história das ciências humanas, bem como da ideologia da neutralidade e da objetividade (Viana, 2007b).

Assim, Viana dedica várias obras e artigos para criticar determinadas ideologias. Viana realiza a crítica das ideologias do cérebro (Viana, 2010c), pós-estruturalismo e outras vigentes no regime de acumulação integral (Viana, 2009a; 2011c), do pseudomarxismo (Viana, 2007d; Viana, 2007a), abordagem das representações sociais (Viana, 2008e) e de autores como Max Weber (Viana, 2004a, 2001a), Mao Tse-Tung, Karel Kosik (Viana, 2007d), a ideologia do relativismo (Viana, 2000) entre inúmeras outras.

Ao lado da crítica das ideologias, a crítica da cultura dominante também é um elemento importante em sua produção, que aborda a questão da música (Viana, 2007i), do cinema (Viana, 2009b, Viana, 2009c), quadrinhos (Viana, 2005; Viana, 2008f), arte em geral (Viana, 2007e). Nesse contexto, ao sistematizar a crítica da divisão social do trabalho e da produção cultural com seus tecnicismos e formalismos, o autor culmina na teoria das esferas sociais, tal como a esfera artística (Viana, 2007e).

Viana realiza uma forte crítica à cultura dominante, principalmente através do questionamento da mentalidade dominante e dos valores dominantes. Na sua crítica da mentalidade dominante aparece uma de suas maiores influências, a psicanálise. Para Viana, o universo psíquico de um indivíduo é constituído socialmente (Viana, 2008c), de forma singular (Viana, 2011a). Este universo psíquico formado socialmente surge a partir da corporeidade humana e suas necessidades e potencialidades. É por isso que a psicanálise se torna útil para explicar os fenômenos sociais. Retomando Marx, Viana coloca que o ser humano possui uma natureza humana. Essa natureza humana se organiza a partir do trabalho como objetivação, práxis, e pela cooperação



(sociabilidade). Ambas surgem, como já colocavam Marx e Engels (2002), a partir da busca da satisfação das necessidades básicas dos seres humanos, como comer, beber, reproduzir. O ser humano é, assim, um ser que possui um caráter teleológico consciente – já que a práxis é objetivação, pressupõe uma intencionalidade anterior à ação. Também é um ser social, pois as relações sociais se tornam uma necessidade psíquica e existencial para ele. Porém, com a emergência da sociedade de classes e da alienação, a natureza humana é negada pela sociedade e assim se cria um conjunto de relações fundadas na exploração, dominação, opressão, que, muitas vezes, impedem até a realização das necessidades básicas. Isso promove conflitos sociais e psíquicos.

É neste contexto que se pode discutir sua teoria da sociabilidade e mentalidade. A mentalidade humana é constituída socialmente e está intimamente ligada com a sociabilidade estabelecida. Viana se inspira em Erich Fromm (1978; 1979) e sua teoria do caráter social para elaborar sua teoria da mentalidade, ao lado de outros autores, tais como Freud, Reich e Marcuse, embora não poupe críticas a nenhum destes autores. A mentalidade – conceito próximo ao de caráter social de Fromm, possuindo semelhanças e diferenças – é o universo psíquico do indivíduo, excetuando seu inconsciente e *sombra*. O princípio de realidade domina a mentalidade, como já colocava Marcuse (Viana, 2008c), embora neste autor seja o “princípio de desempenho” e para Viana seja a sociabilidade capitalista (marcada pela competição, burocratização e mercantilização). O conteúdo da mentalidade é formado por valores, razões, sentimentos conscientes do indivíduo e que fazem um indivíduo agir, sendo a força motriz do seu comportamento e de sua produção de ideias e concepções (Viana, 2008c). A mentalidade aparenta ser irremovível e intransponível “por que não só introjeta a sociabilidade como é confirmada e exigida constantemente por essa mesma sociabilidade” (Viana, 2008c, p. 31).

Viana realiza uma forte crítica à sociabilidade capitalista. A competição social acaba se tornando um elemento da mentalidade dos indivíduos e sua generalização na



sociedade capitalista gera sua universalização, da mesma forma que a burocratização e mercantilização, que se ampliam com o desenvolvimento capitalista. Viana faz uma análise do desenvolvimento do capitalismo para mostrar esse processo de crescente mercantilização e burocratização e mostra como isso é introjetado na mente dos indivíduos, que passam valorar o ter ao invés do ser, a naturalizar a existência de direção e comando, a pensar em termos competitivos visando o sucesso, status, poder, riqueza. Essa sociabilidade é introjetada pela mentalidade e a confirma e exige constantemente. A cultura dominante reproduz e reforça tal mentalidade, através dos meios oligopolistas de comunicação, da produção artística e intelectual e várias outras formas. Viana analisa alguns valores dominantes, que povoam a mentalidade dominante, e seus produtos culturais, observando sua manifestação em brinquedos, ciência, histórias em quadrinhos, e vários outros produtos culturais e materiais. É nesse contexto que ele ressignifica a palavra axiologia, que para ele é uma determinada configuração assumida pelo padrão dominante de valores (Viana, 2007f). Novamente ele retoma a crítica da ciência e mostra que ela realiza a naturalização da sociabilidade e mentalidade capitalistas, sendo expressão delas. Ele questiona a suposta neutralidade da ciência e expõe seu caráter axiológico. Em alguns artigos, desenvolve uma análise pormenorizada da obra de Darwin (Viana, 2001b; Viana, 2003c; Viana, 2009d), caracterizando o seu caráter axiológico.

Porém, existe resistência e luta e por isso a mentalidade dominante, burguesa, convive com outras formas de mentalidade de outros indivíduos que não introjetam totalmente a sociabilidade capitalista. Além disso, existe a axionomia, termo cunhado por Viana para expressar os valores humanos autênticos, correspondentes à natureza humana. A axionomia existe marginalmente e de forma subordinada, mas em certos momentos, indivíduos e grupos ganham maior força, e aí temos um dos elementos de resistência contra a mentalidade burguesa e os valores dominantes.



Outra forma de resistência ocorre no universo psíquico dos indivíduos, que é o inconsciente. O inconsciente é o lócus dos desejos reprimidos e existe quando as potencialidades e necessidades humanas não são concretizadas. Assim, seu conceito de inconsciente se distingue tanto do de Freud quanto do de Fromm, pois no primeiro tem uma origem e caráter sexual e no segundo é tudo que é reprimido pela sociedade, enquanto que, para Viana, o que é reprimido é qualquer necessidade-potencialidade humana (a partir da ideia de natureza humana explicitada anteriormente) e por isso não é apenas a sexualidade e também não pode ser considerado tudo que é reprimido. É no contexto de uma inovação no campo do pensamento psicanalítico que Viana pensa o universo mental do indivíduo. O processo de repressão pressiona as energias mentais e quando isto se torna excessivo e não é possível desenvolver a *persona* (através do deslocamento da energia represada para atividades socialmente relevantes), então ocorre a emergência da *sombra*, as energias destrutivas (problemas psíquicos, agressividade e outros fenômenos). Assim, a partir de uma análise do pensamento de Freud, Fromm e Jung, e partindo do materialismo histórico, Viana rediscute a questão do universo psíquico humano e desenvolve uma nova concepção de inconsciente coletivo, que se distingue da proposta de Jung e Fromm (Viana, 2002b). O inconsciente coletivo é o inconsciente de uma determinada coletividade (classe, raça, sexo, entre outros quesitos).

Em síntese, Viana apresenta uma crítica radical ao capitalismo. É uma crítica da totalidade da sociedade capitalista, demonstrando seu caráter histórico e, portanto, transitório, e seu processo de produção e reprodução através da exploração, dominação, opressão. Porém, toda essa crítica tem uma base que é seu núcleo gerador, o projeto autogestionário. A autogestão social é o grande objetivo e centro gerador da crítica ao capitalismo. Então é necessário entender o que é autogestão social e como se concretiza o projeto autogestionário.

A autogestão social é o que Marx denominou comunismo. Porém, esta palavra foi deformada pelo bolchevismo e pela existência da URSS e por isso pode provocar



confusões. Viana destaca a importância da linguagem na reprodução das relações sociais (Viana, 2009e) e coloca a necessidade de coesão conceitual e busca uma renovação lingüística para expressar o que não havia sido expresso e para evitar deformações que a contra-revolução sempre realiza. O conceito de autogestão social nada tem a ver com as formas ideológicas que tentaram se apropriar do conceito, especialmente a economia solidária e outras vertentes. A autogestão social é uma nova sociedade que surge através da revolução social que destrói o capitalismo. Assim, trata-se de uma “sociedade radicalmente diferente” e que por isso é difícil até mesmo pensá-la. Aqui novamente se coloca o problema da mentalidade e da linguagem, pois as pessoas, mesmo as que se dizem de esquerda, pensam a sociedade do futuro com as categorias do presente, e assim abrem espaço para a contra-revolução. Ao manter as palavras que expressam relações da sociedade atual para qualificar um projeto de nova sociedade, acaba - caso o projeto se concretize - reproduzindo relações velhas em uma sociedade que deveria ser nova. Este é o caso do “estado proletário” e “lei do valor” que o pseudomarxismo diz que irá existir no regime socialista.

Assim, Viana chama atenção para a radicalidade da transformação social, que é comparável à passagem do feudalismo para o capitalismo, embora seja mais profunda ainda, pois não é a passagem de uma sociedade de classes para outra sociedade do mesmo tipo e sim para uma sociedade sem classes e, portanto, as diferenças são muito maiores. A autogestão social não é mera “democracia direta”, ou gestão de empresas, e sim o conjunto de relações sociais que caracterizam uma nova sociedade. Viana segue Marx e coloca que o comunismo é um movimento real e não produto da cabeça dos intelectuais.

Sem cair no utopismo, mas se baseando em experiências históricas, teorias, Viana discute no *Manifesto Autogestionário*, as características fundamentais da sociedade autogerida (Viana, 2008b). A autogestão se dá no coração das relações de produção e se generaliza por toda a sociedade, transformando-se em autogestão coletiva



generalizada. A base desse processo autogestionário é os conselhos operários e as comunas revolucionárias, os primeiros se organizando a partir do processo de produção e as comunas a partir da organização espacial. A produção de valores de uso visando satisfazer as necessidades humanas e a divisão social do trabalho é substituída pela divisão temporal do trabalho. O trabalho de produção de meios de produção, de meios de consumo e de serviços sociais passa a ser realizados por todos e a ocupar um período de tempo restrito durante o dia, o que vai depender do desenvolvimento das forças produtivas, podendo ser duas horas, por exemplo. O resto do dia é dedicado ao livre desenvolvimento das capacidades humanas, produção intelectual, artística, entre outras. O indivíduo não fica preso numa especialização e exerce variadas atividades feitas em revezamento.

Não é apenas o modo de produção que muda radicalmente, mas também as formas de regularização das relações sociais. Na sociedade autogerida, a separação entre modo de produção e formas de regularização é praticamente abolida, já que a socialização das crianças passa a se realizar nas próprias relações sociais, assumindo um caráter de autogestão pedagógica. As relações entre mulheres e homens, as relações raciais, entre outras, passam a ser igualitárias e fundadas na liberdade. A sexualidade altera-se drasticamente. Da mesma forma, ao invés da moral e hipocrisia, uma ética e cultura humanistas passam a ser uma das formas de regularização da sociedade autogerida. A produção intelectual e tecnológica tende a aprofundar, já que são superados os entraves do capitalismo e a criatividade e adequação às necessidades humanas ao invés do lucro tornam-se suas bases (Viana, 2008b).

Essa concepção de sociedade autogerida tem como fonte de inspiração as obras de Marx (Marx, 1986; Viana, 2011d), Maurício Tragtenberg (1989), Anton Pannekoek (1977) e vários outros autores, anarquistas e marxistas e as experiências históricas de tentativas de revoluções proletárias, algumas recebendo análises de Viana, especialmente a Comuna de Paris e a Revolução Russa.



Mas como chegar a esta nova forma de sociedade? Viana, no *Manifesto Autogestionário*, questiona o utopismo por não apresentar os agentes concretos que apontam para a realização deste projeto e por não apresentar a forma como ocorreria a passagem da sociedade presente para a sociedade futura ou o fazer de forma ingênua. Obviamente que ele não cometeria o mesmo erro e por isso vamos encerrar nossa exposição com sua discussão sobre o processo de instauração da autogestão social.

A instauração da autogestão social é uma ruptura revolucionária que transforma a totalidade das relações sociais. Ela surge a partir da sociedade capitalista, a partir de sua negação. Este é um ponto fundamental que merece ser destacado. Quem são os agentes concretos que trazem em si a negação do capitalismo? A autogestão é algo concreto, portanto, síntese de suas múltiplas determinações, mas a determinação fundamental é o proletariado. A análise da relação-capital descrita anteriormente tem o papel de colocar o que é o proletariado e como ele significa a negação do capitalismo. Daí sua análise teórica do proletariado e de suas lutas e formas de ação. O proletariado devido ao seu processo de exploração e alienação, sua posição no coração das relações de produção capitalistas, e sua impossibilidade de se tornar nova classe dominante, o torna o agente da revolução e sua revolução promove a emancipação humana em geral.

O proletariado não deve ser endeusado, e Marx não fez isso. Viana distingue o “proletariado empírico”, submetido ao capital, do proletariado revolucionário, que é aquele que nega o capitalismo e a si mesmo. O proletariado empírico é aquele analisado por alguns cientistas sociais (Meusel, 1978), que o toma como algo dado e não percebe sua historicidade, totalidade e potencialidade. O proletariado com consciência de classe concreta realiza lutas espontâneas contra o capital e nessas lutas pode avançar e realizar lutas autônomas, se livrando de seus “representantes”, ou seja, de partidos e sindicatos. No decorrer da luta, é possível passar destas lutas autônomas para lutas autogestionárias, onde o objetivo da autogestão social já se torna consciente.



A constituição da sociedade autogerida é produto da luta de classes e ocorre com a vitória do proletariado nessa luta. As lutas operárias cotidianas e espontâneas tendem a gerar um processo de auto-organização e desenvolvimento de uma consciência revolucionária, que, no entanto, é travada pelas ações do capital, do Estado, das classes auxiliares da burguesia, das ideologias e cultura dominante. Porém, não existe homogeneidade no interior da burguesia e das demais classes, existem setores do proletariado e de outros grupos oprimidos e classes exploradas que desenvolvem concepções mais radicais e ainda existe uma produção teórica marginal que aponta para a transformação social. O Estado e a classe dominante busca assimilar os focos de resistências e as concepções divergentes e por vezes consegue, e as tendências oposicionistas tentam recuperar e avançar suas concepções. Portanto, é uma constante luta de classes. Isso também interfere na luta do proletariado, tanto na luta de classes na produção quanto na sociedade civil.

A luta de classes na produção é a resistência natural contra a alienação, o controle e, quando avança a sua consciência, contra a exploração. A luta de classes na sociedade civil é pelos bens necessários para sobrevivência, por direitos e outros elementos, alguns próprios da sociedade burguesa, mas que contribuem quando fazem o proletariado se movimentar e questionar a sociedade burguesa. Assim, esse conjunto de elementos reforça a tendência natural do proletariado, embora o que predomine seja a hegemonia burguesa. Existem outras determinações nesse processo que contribui com a luta proletária, tal como as crises do capitalismo e sua dificuldade de reprodução expressa na tendência declinante da taxa de lucro, o que gera busca de aumento da exploração e maior resistência proletária.

É nesse bojo da luta de classes que o proletariado pode radicalizar e passar das lutas espontâneas para as lutas autônomas, superando a direção moderada e burocrática dos partidos e sindicatos. O momento chave nesse processo é a greve geral. Os movimentos grevistas expressam, praticamente, um processo de descontentamento, seja



com salários ou condições de trabalho, e quando é realizada geralmente independente de sindicatos, marca um avanço do movimento dos trabalhadores. O movimento grevista marca também a emergência de formas de auto-organização embrionárias, como o comitê de greve. Com o avanço da luta, a greve pode evoluir – e em muitos casos concretos é o que ocorre – para greve de ocupação e, num momento posterior, para greve de ocupação ativa. No primeiro estágio, a greve é uma paralisação; no segundo já se ocupa o local de trabalho; no terceiro, ocorre a retomada da produção pelos próprios trabalhadores. A greve de ocupação ativa culmina na capacidade de tomar conta do processo de produção e dispensar capitalistas e burocratas. Também expressa capacidade da classe trabalhadora autogerir suas lutas. A formação dos conselhos de fábrica acompanha esse processo e a expansão dessa luta para um conjunto de unidades de produção, e marca a emergência dos conselhos operários ao se expandir para outros lugares e atividades, tal como bairros, escolas, entre outros. Esse processo é espontâneo e por isso é importante entender o que significa espontaneidade. A espontaneidade não significa algo que se produz a partir de si mesmo, isto seria mistificação. A espontaneidade do proletariado é aquela marcada pela ação espontânea, o que significa não dirigida por partidos, sindicatos, meios oligopolistas de comunicação, Estado. Ela não é um movimento apenas da classe como se ela existisse sozinha ou separada do resto da sociedade, e sim no próprio processo de luta, que ocorre no contexto de conflitos de valores, concepções, lutas culturais que fazem para da realidade concreta e também ações das demais classes, do Estado, crises de governo, crises financeiras, crises de regime de acumulação. Assim, a espontaneidade não é ato gratuito do proletariado e sim síntese de múltiplas determinações que agem sobre o ser-de-classe do proletariado, que o faz desenvolver sua potencialidade revolucionária (Viana, 2007h).

É neste contexto que Viana coloca que o processo de revolução proletária é produto de diversas determinações e que é preciso buscar fortalecer aquelas que beneficiam a luta do proletariado. Nesse ponto ele discute o papel da luta cultural, da



criação de centros de contra-poder, existência e ação de grupos políticos, da importância da utopia (no sentido de utopia concreta, seguindo conceituação de Ernst Bloch) entre outras formas de intervenção ativa de militantes revolucionários no processo de luta de classes a favor do proletariado. Assim, os militantes revolucionários devem se auto-organizar e contribuir com a luta revolucionária do proletariado, buscando acelerar o processo revolucionário e, simultaneamente, alterar a correlação de forças para fortalecer o proletariado contra a classe dominante.

As formas como os militantes e grupos revolucionários podem fazer isso é através da participação em movimentos sociais, nas lutas proletárias, nas instituições burguesas visando criar centros de contra-poder. A luta cultural tem um papel fundamental e possui várias formas e objetivos. A crítica das ideologias faz parte da luta cultural, bem como a produção teórica para compreender a realidade concreta do capitalismo e suas tendências e diversos outros aspectos e fenômenos. Assim, a crítica das ideologias é fundamental, pois pode promover uma maior adesão à teoria revolucionária, bem como pode fornecer aos críticos da sociedade e trabalhadores mais elementos para não serem enganados pelos ideólogos existentes. A produção teórica também é fundamental, pois permite entender processos sociais e fornecer ferramentas para autoformação de militantes e trabalhadores.

A luta cultural não ocorre apenas na instância do pensamento complexo. Ela é travada na instância das representações cotidianas, da cultura em geral. Assim, além da produção teórica e da crítica das ideologias, assume grande importância a elaboração de materiais mais simples, voltado para setores da população com menos acesso ou possibilidade de leituras aprofundadas. Vale para radicalizar a luta usar as brechas e contradições do capital comunicacional (“indústria cultural”) e realizar a análise crítica dos seus produtos e mostrar sua potencialidade questionadora, tais como os quadrinhos (Viana, 2005; 2008f), cinema (Viana, 2009b; Viana, 2009c), música (Viana, 2007i). Isso deve ocorrer simultaneamente com a crítica do capital comunicacional em suas



diversas formas (Viana, 2007j) e da criação de meios alternativos de comunicação (Viana, 2008b; Viana, 2007j).

A propaganda generalizada é uma das possibilidades existentes (2007h) no sentido de fornecer ferramentas intelectuais e contribuir com a autoformação do proletariado e demais classes exploradas e grupos oprimidos e incentivar sua auto-organização seja sob a forma de núcleos revolucionários (Viana, 2010f) em momentos de moderação nas lutas de classes, seja sob a forma de conselhos em períodos de radicalização. Outro elemento é a crítica da educação capitalista e a proposta de formas alternativas de educação que contribuam com a luta pela emancipação humana (Viana, 2004b; 2002c; 2008g) e também realizar a crítica das ideologias sobre a educação capitalista ou concepções que são problemáticas (Viana, 2004a; Viana, 2005b).

A ação revolucionária deve ser consciente, deve partir da análise do processo histórico e seus desdobramentos. É por isso que ele discute a estratégia revolucionária e realiza apontamentos sobre a *práxis* revolucionária. A *práxis* revolucionária é uma atividade teleológica consciente, o que pressupõe consciência e finalidade. Assim, a partir de uma inspiração em Rosa Luxemburgo, apresenta a necessidade da identidade entre meios e fins, entre movimento e objetivo, entre o específico e o total. Nesse sentido, realiza a crítica do reformismo e do oportunismo, que esquecem o objetivo final. Todas as ações anteriormente colocadas devem estar vinculadas intimamente ao objetivo final, ao projeto autogestionário. Mas também é preciso superar o imobilismo e o utopismo abstrato, que fica apenas no discurso ao colocar apenas o objetivo final sem analisar os meios para sua realização (Viana, 2008b). Assim, a partir da perspectiva do projeto autogestionário, não se abandona as lutas imediatas e reivindicativas, mas as aprofunda e radicaliza, articulando-as com exigências mais amplas e radicais e com o objetivo final, a autogestão social.

Outro elemento da estratégia revolucionária é a unidade entre o específico e o geral. Viana distingue entre estratégia específica, realizada em um determinado



movimento social (por exemplo, das mulheres ou dos negros) e estratégia global, voltado para o movimento operário e para o conjunto da sociedade capitalista (Viana, 2008b). Em algumas obras Viana avançou no sentido de pensar estratégias específicas, ou pelo menos bases teóricas para elas, tal como em sua discussão sobre relações raciais e relações entre homens e mulheres. O racismo e seu vínculo com o capitalismo e sua sociabilidade, é explicitado ao apresentar uma análise histórica e crítica das concepções simplificadoras que isolam a questão racial da totalidade das relações sociais (Viana, 2009f). Sobre a questão feminina, discute a opressão e seu vínculo com as sociedades classistas e com o capitalismo mais especificamente (Viana, 2006c; 2010e). O mesmo ocorre com suas análises sobre juventude (Viana, 2004c; Viana, 2010g)

Assim, é possível perceber um conjunto de propostas práticas visando contribuir com a transformação social, que une a crítica e o projeto revolucionário. Uma grande quantidade de obras escritas, da qual citamos uma parte, pois inúmeros artigos e obras ainda inéditas compõem uma vasta produção teórica que é marcada por um esforço em contribuir com a luta pela emancipação humana, mostra um compromisso com o projeto autogestionário sempre presente. A síntese dessa produção está no *Manifesto Autogestionário*, onde se pode extrair a afirmação de que a arma da crítica “não pode poupar nada e ninguém” e que vem acompanhada do projeto autogestionário. É nesta perspectiva que Viana produz, por um lado, a crítica desapiedada do existente, frase extraída de Marx, e, por outro, o projeto emancipador, a utopia concreta, a sociedade autogerida. Elementos indissociáveis e complementares, às vezes pouco compreendidos, pois muitos não entendem a razão de ser das críticas. Porém, o seu primeiro artigo publicado em revista (intitulado *Quem tem medo da utopia?*) mostra já o projeto autogestionário e o caminho que foi trilhado, fazendo o mesmo que a classe operária, como aconselhava Marx em *O Capital*: **“A classe operária vai seguir o seu caminho e deixar que os outros tagarelem”** (Viana, 1991b).



Referências

- FROMM, Erich. *Análise do Homem*. 10ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____, Erich. *Meu encontro com Marx e Freud*. 7ª edição, Rio de Janeiro: 1979.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.
- LÊNIN. *Que fazer?* São Paulo: Hucitec, 1978.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.
- MAKHÁISKY, Jan Wancław. *O Socialismo de Estado*. In: TRAGTENBERG, Maurício (org.). *O Marxismo heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____, Karl. *A guerra civil na França*. São Paulo: Global, 1986.
- _____, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. In: *O Conceito marxista do Homem*. 8ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- MEUSEL, A. *O Proletariado*. In: IANNI, O. (Org.). *Teorias da estratificação social*. 3ª Edição, São Paulo: Nacional, 1978.
- VIANA, Nildo (org.). *A Questão da mulher. Trabalho, opressão e violência*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006c.
- _____, Nildo. *A Concepção materialista da história do cinema*. Porto Alegre, Asterisco, 2009b.
- _____, Nildo. *A Consciência da História – Ensaio sobre o materialismo histórico-dialético*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Achiamé, 2007b.
- _____, Nildo. “A Democracia burguesa como valor universal”. *Revista Brasil Revolucionário*, Goiânia: v. 8, p. 14 - 18, 07 jun. 1991a.
- _____, Nildo. *A Dinâmica da violência juvenil*. Rio de Janeiro: Booklink, 2004c.
- _____, Nildo. *A Esfera artística. Marx, Weber, Bourdieu e a sociologia da arte*. Porto Alegre, Zouk, 2007e.

Marxismo e Autogestão

Marxismo e Autogestão, Ano 01, Num. 01, jan./jun. 2014

- _____, Nildo. *A Filosofia e sua sombra*. Goiânia: Edições Geminais, 2000.
- _____, Nildo. *A Formação de núcleos revolucionários*. Cadernos de Formação (Goiânia), 2010f.
- _____, Nildo. “A Intelectualidade como classe social”. *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico*, Maringá/PR, v. 65, 2006b.
- _____, Nildo. *A Questão da causalidade nas ciências sociais*. Goiânia: Edições Geminais, 2001a.
- _____, Nildo. *A Reemergência da utopia autogestionária*. In: MAIA, Lucas. *Comunismo de conselhos e autogestão social*. Pará de Minas-MG, Virtualbooks, 2010d.
- _____, Nildo. *A Teoria das classes sociais em Karl Marx*. 2011b (no prelo).
- _____, Nildo. “Adorno: educação e emancipação”. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Brasília-DF, v. 02, n. 04, 2005b.
- _____, Nildo. “Alienação e fetichismo em Marx”. *Fragmentos de Cultura* (Goiânia), Goiânia: v. 5, n. 11, p. 83-89, 1995.
- _____, Nildo. *Capitalismo e racismo*. In: PEREIRA, Cleito; VIANA, Nildo. (Org.). *Capitalismo e questão racial*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2009
- _____, Nildo. *Cérebro e ideologia*. Jundiá-SP: Paco Editorial, 2010c.
- _____, Nildo. *Como assistir um filme?* Rio de Janeiro: Corifeu, 2009c.
- _____, Nildo. *Cultura, poder e juventude*. In: MARTINS, Dilamar Candida; MATTOS, Izabel Missagia de; SOARES, Mauro Victoria. (Orgs.). *Região e poder - Representações em fluxo*. Goiânia: Edpuc-GO, 2010.
- _____, Nildo. “Darwin e a competição científica”. *Fragmentos de Cultura*. Vol 13, nº 01, jan./fev. 2003c.
- _____, Nildo. “Darwin nu”. *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico*, v. 9, p. 1-1, 2009d.
- _____, Nildo. “Darwinismo e ideologia”. *Pós – Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UnB*. Ano V, nº 5, 2001b.
- _____, Nildo. “Democracia e autogestão”. *Achegas*, v. a, p. 4a, 2008d.



- _____, Nildo. “Educação, sociedade e autogestão pedagógica”. *Revista Urutágu* (Online), v. 16, p. 6-6, 2008g.
- _____, Nildo. “Eleições e perspectivas: Eterno retorno do mesmo ou transformação social?” *Revista Espaço Acadêmico* (UEM), v. 10, p. 55-63, 2010a.
- _____, Nildo. “Eleições, voto nulo e autoemancipação”. *Enfrentamento*, v. 4, p. 17-26, 2010b.
- _____, Nildo. “Emancipação feminina e emancipação humana”. *Revista Espaço Acadêmico* (UEM), v. IX, p. 1-10, 2010e.
- _____, Nildo. *Escritos metodológicos de Marx*. 2ª edição, Goiânia: Alternativa, 2007c.
- _____, Nildo. *Estado, democracia e cidadania – A Dinâmica da política institucional no capitalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003a.
- _____, Nildo. *Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005a.
- _____, Nildo. *Inconsciente coletivo e materialismo histórico*. Goiânia: Edições Germinal, 2002b.
- _____, Nildo. *Introdução à sociologia*. 2ª edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2011a.
- _____, Nildo. *Linguagem, discurso e poder - Ensaios sobre linguagem e sociedade*. 1. ed. Pará de Minas - MG: Virtualbooks, 2009e.
- _____, Nildo. “Luta cultural e propaganda revolucionária”. *Revista Enfrentamento*, Ano 02, num. 03, Jul./Dez. de 2007h.
- _____, Nildo. “Luta de classes e universo cultural”. *Revista Letra Livre*. Rio de Janeiro: Ano 11, n. 45, 2006a.
- _____, Nildo. *Manifesto autogestionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008b.
- _____, Nildo. “Marx e a educação”. *Estudos – Revista da Universidade Católica de Goiás*. Vol. 31, nº 03, março de 2004b.
- _____, Nildo. “Marx e a essência autogestionária da Comuna de Paris”. *Revista Espaço Acadêmico* (UEM), v. 10, 2011d.



- _____, Nildo. *O Capitalismo contemporâneo e a historicidade do regime de acumulação integral*. 2011c. no prelo.
- _____, Nildo. "O Capitalismo de Estado da URSS". *Revista Ruptura*, ano 01, num. 01, maio de 1993.
- _____, Nildo. *O Capitalismo na era da acumulação integral*. São Paulo: Idéias e Letras, 2009a.
- _____, Nildo. *O Fim do marxismo e outros ensaios*. São Paulo: Giz Editorial, 2007d.
- _____, Nildo. "O Que dizem os quadrinhos?" *Sociologia, Ciência & Vida*, v. 17, 2008f.
- _____, Nildo. *O Que é marxismo?* Rio de Janeiro: Elo, 2008a.
- _____, Nildo. *O que são partidos políticos?* Goiânia: Edições Germinal, 2003b.
- _____, Nildo. *Os Valores na sociedade moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007f.
- _____, Nildo. *Para além da crítica dos meios de comunicação*. In: VIANA, Nildo (org.). *Indústria cultural e cultura mercantil*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007j.
- _____, Nildo. "Quem tem medo da utopia?" *Revista Brasil Revolucionário*, Goiânia: v. 7, p. 36 - 39, 07 fev. 1991b.
- _____, Nildo. "Rússia: uma sociedade em transformação". *Sociologia, Ciência e Vida*, v. 14, p. 10, 2007a.
- _____, Nildo. *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas*. Baúru - SP: Edusc, 2008e.
- _____, Nildo. *Tropicalismo - A Ambivalência de um movimento artístico*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007i.
- _____, Nildo. "Universidade e especialização: o ovo da serpente". *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico*, Maringá/PR, v. 2, n. 18, 2002a.
- _____, Nildo. *Universo psíquico e reprodução do capital. Ensaio freudo-marxista*. São Paulo: Escuta, 2008c.
- _____, Nildo. *Violência e escola*. In: VIEIRA, R. & VIANA, N. (orgs.). *Educação, cultura e sociedade. Abordagens críticas da escola*. Goiânia: Edições Germinal, 2002c.



_____, Nildo. “Weber: tipos de educação e educação burocrática”. *Guanicuns*. Revista da Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns. Vol. 01, nº 01, Novembro de 2004a.

WEBER, Max. *Parlamento e governo numa Alemanha reconstruída*. Petrópolis: Vozes, 1990.

Resumo:

O presente artigo discute a contribuição do sociólogo Nildo Viana para a análise da sociedade capitalista e seu vínculo com sua teoria da autogestão social. A sua crítica ao capitalismo está intimamente ligada ao seu projeto autogestionário e para compreender o primeiro aspecto do seu pensamento é necessário compreender o segundo. Levantamos os principais aspectos de sua crítica ao capitalismo para depois delinear seu projeto autogestionário.

Palavras-chave: capitalismo, autogestão, burocracia, marxismo, Viana.

Abstract:

This paper discusses the role of the sociologist Nildo Viana for the analysis of capitalist society and its link with his theory of social ownership. His critique of capitalism is closely linked to self-managing your project and understand the first aspect of his thought is necessary to understand the second. We raised the main aspects of his critique of capitalism and then outline your project self-management.

Keywords: capitalism, self-management, bureaucracy, Marxism, Viana.